

# VOZES QUE REVELAM: COMO ENTENDER A MANIPULAÇÃO EM UM GÊNERO MIDIÁTICO ATRAVÉS DA POLIFONIA

Elaine Cristina Medeiros Frossard – UESC<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho, inserido em uma perspectiva sócio-enunciativa de linguagem, objetiva investigar o modo como a polifonia auxilia no processo de interpretação de um gênero midiático, ajudando a desvendar, até mesmo, a argumentação implícita em textos, aparentemente, apenas informativos. Partindo-se dos postulados teóricos de Bakhtin (1999, 2005, 2003) e Ducrot (1987) a respeito de dialogismo e polifonia, propõe-se uma análise interpretativa e qualitativa de alguns enunciados de uma reportagem a fim de fornecer ao leitor recursos para a interpretação das estratégias de persuasão presentes em textos diversos, mesmo não sendo considerados “opinativos”.

**Palavras-chave:** Polifonia. Gêneros midiáticos. Argumentação.

**Abstract:** This paper, as part of a socio-enunciative perspective of language, aims to investigate the way polyphony assists in the interpretation process of a specific media genre, even helping to unveil the implicit arguments in texts which are apparently just informative. Based on the theoretical assumptions of Bakhtin (1999, 2005, 2003) and Ducrot (1987) concerning dialogism and polyphony, it is proposed an interpretative and qualitative analysis of some utterances of an article in order to provide some resources to readers so that they can interpret the persuasive strategies present in diverse texts even when they are not considered ‘opinion texts’.

**Keywords:** Polyphony. Media Genre. Argumentation.

## 1 Considerações introdutórias

De modo geral, a mídia é considerada instrumento de extrema importância no processo de formação de opinião de qualquer sociedade. E, levando em consideração o poder que esse meio exerce, este artigo se propõe a apresentar alguns mecanismos para a identificação de estratégias de manipulação no gênero midiático. Restringe-se, porém, à investigação de apenas um gênero, a saber, uma reportagem, visto não haver espaço para muitas abordagens.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo.  
Professora Assistente de Língua Inglesa da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

Respalhando-se na teoria do dialogismo de Bakhtin e na teoria polifônica de Ducrot, buscar-se-á explicitar como, por meio da identificação de vozes diversas presentes em um texto, é possível perceber manobras argumentativas até mesmo em textos *a priori* considerados isentos de qualquer inclinação opinativa.

Constam deste trabalho, além dessas considerações introdutórias, algumas considerações a respeito do fenômeno da polifonia tal como estudado por Bakhtin e por Ducrot e uma breve análise de enunciados retirados do mencionado *corpus*.

Desse modo, este trabalho busca contribuir para a identificação de estratégias de manipulação em textos midiáticos, fornecendo ao leitor recursos baseados em teorias enunciativas de linguagem a fim de mostrar como essas são essenciais para um estudo interpretativo do texto.

## **2. O outro no discurso do eu**

### *2.1 O Dialogismo bakhtiniano: vozes sociais, históricas e ideológicas*

Mikhail Bakhtin foi um pesquisador russo que iniciou estudos concernentes à linguagem por volta de 1920 e logo percebeu que o cerne do processo de constituição do discurso estava na constituição sócio-histórica e dialógica entre sujeitos.

Para esse autor, todo e qualquer discurso é atravessado pelo *outro*. Ninguém tem a capacidade de enunciar algo original, algo que já não esteja permeado por crenças, valores, ideologias alheias. A esse respeito, o estudioso declara:

O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas. (BAKHTIN, 2005, p. 195)

Diante disso, como conceber o sujeito bakhtiniano? Ora, esse sujeito é um ser situado sócio-historicamente e que só se constitui a partir do momento em que assimila a palavra do outro e transforma-a dialogicamente para torná-la '*palavra pessoal-alheia*' e, então, *palavra pessoal*.

Bakhtin (2005, p. 181) leva em conta, para conceber e estudar a linguagem, aspectos sócio-históricos e culturais que não estão inseridos na língua, mas reconhece a legitimidade do estudo propriamente linguístico cujos resultados devem ser aproveitados na análise dialógica.

## 2.2 A teoria polifônica de Ducrot: vozes marcadas linguisticamente

De acordo com Bakhtin, a Linguística, por não estudar fatores externos à língua, não poderia estudar a linguagem de forma dialógica. Todavia, Oswald Ducrot desenvolveu uma teoria polifônica da enunciação, tomando por base traços linguísticos do enunciado.

Dessa forma, contrariando a concepção de sujeito único que predominava nos estudos da ciência da linguagem, Ducrot surge com a concepção de que esse sujeito não enuncia sozinho, mas dá voz a outros sujeitos. Na realidade, segundo o autor, o que há é uma dispersão de sujeitos em um enunciado. A partir de então, o linguista francês inicia uma categorização desses sujeitos, sistematizando a sua concepção de polifonia.

De acordo com Ducrot, o linguista deve preocupar-se em estudar dois sujeitos presentes no enunciado: o(s) locutor(es) e os enunciadores. O primeiro é concebido como:

[...] um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que refere o pronome eu e as outras marcas da primeira pessoa. (DUCROT, 1987, p. 182)

E os *enunciadores* são, segundo o linguista, aqueles que se expressam por meio da enunciação, “sem que para tanto se lhes atribuam palavras precisas; se eles falam é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras.” (DUCROT, 1987, p. 192).

Buscando identificar os sujeitos presentes nos enunciados, Ducrot percebeu que ao dar voz a diferentes enunciadores, o locutor pode assumir posições distintas com relação a esses

pontos de vista expressos no enunciado. A respeito dessas posições, Barbisan e Teixeira (2002, p.170), baseadas nos postulados ducrotianos, afirmam:

Há três posições possíveis: aquela em que o locutor se identifica com um dos enunciadores, como é o caso da asserção; aquela em que ele o aprova, como no exemplo da pressuposição; finalmente aquela em que há oposição entre locutor e enunciador, como acontece no humor

Entretanto, o posicionamento assumido por *L* depende das intenções do locutor. Entende-se que, nesse ponto, Ducrot está muito próximo do dialogismo bakhtiniano, só que de um dialogismo perscrutado “de dentro”, enquanto o de Bakhtin é perscrutado “de fora”.

### *2.2.1 Categorias para a identificação de vozes distintas em um único enunciado*

Levando em conta a pluralidade enunciativa, Ducrot lança um novo olhar sobre temas como a pressuposição, o estudo da negação, da ironia, da argumentação, dentre outros. E, desse modo, apresenta uma série de estratégias para a identificação de vozes distintas em enunciados.

Segundo Ducrot (1987, p. 216), sempre que há pressuposição em um enunciado, existem dois enunciadores (*E1* e *E2*), pelo menos, responsáveis por introduzir um conteúdo posto, isto é, uma informação claramente expressa no enunciado; e um conteúdo pressuposto, que é um conteúdo que se assimila a uma voz alheia que representa um conhecimento comum. O autor ainda defende que o locutor concorda com a perspectiva expressa por *E1*, apesar de assumir o pressuposto.

O linguista francês também investiga o fenômeno da negação e chega à conclusão de que “a maior parte dos enunciados negativos faz aparecer sua enunciação como o choque de duas atitudes antagônicas, uma, positiva, imputada a um enunciador *E1*, a outra, que é uma recusa da primeira, imputada a *E2*.” (DUCROT, 1987, p. 202).

Segundo o teórico francês, é possível afirmar que quase todo enunciado negativo faz ouvir um enunciado afirmativo pelo fato de que *toda vez que se nega algo, imagina-se alguém que pensaria o contrário*, sendo a esse enunciador contrário que o locutor se opõe.

Assimilando-se ao fenômeno da negação que faz ouvir, quase sempre, uma voz contrária que é refutada pelo locutor, a ironia também *faz ouvir* uma voz com a qual *L* não concorda, uma voz que *sustenta o insustentável*, que enuncia algo absurdo.

Além disso, Ducrot também estudou os operadores argumentativos de um ponto de vista dialógico, e postulou que existem operadores que introduzem duas vozes distintas, mas que convergem para uma única conclusão; e há operadores que engendram vozes que apontam para conclusões opostas.

Ao postular essas questões, Ducrot apresentou um direcionamento linguístico para o estudo polifônico da linguagem, isto é, o autor mostrou que é possível investigar a multiplicidade de vozes em um texto, e mesmo em um único enunciado, observando a própria língua.

### **3 Investigando a polifonia e a manipulação no gêneros reportagem**

É certo que os gêneros midiáticos têm muitos traços em comum, como: periodicidade determinada e efetividade temporária; autor e leitor não interagem no mesmo espaço e tempo físicos; além de apresentarem, como argumenta Charaudeau (2006, p. 58<sup>1</sup>), função “utilitária”, na medida em que assuntos de interesse público são levados em conta.

Constituindo-se, então, como gênero midiático, a reportagem também partilha de tais características. Porém, há traços que a individualizam, como o fato de ser um gênero informativo.

Segundo alguns manuais de redação, o autor de uma reportagem não deve tomar partido. Pelo contrário, deve buscar o mais alto índice de isenção, permitindo que os fatos ganhem espaço.

Para a observação desse processo, apresentar-se-ão alguns enunciados da reportagem “Somos vítimas da Baderna” de Otávio Cabral (Anexo), veiculada na seção “Brasil” da revista *Veja*, no dia 27 de junho de 2007.

Essa reportagem encontra-se inserida no contexto sócio-histórico de uma crise *crônica* na aviação civil brasileira, a qual se iniciou a partir de um desastre aéreo que ocorreu no dia 29 de setembro de 2006.

---

1

Observa-se que no texto, praticamente, não há marcas da presença do locutor. As únicas ocorrências são o título da reportagem e uma aparição do pronome eu – que, vale ressaltar, encontra-se no relato direto da fala de outro locutor, não se referindo ao sujeito-locutor da reportagem.

Baseando-se, no entanto, no fato de que “as palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais” (BAKHTIN, 2005, p. 195), pode-se afirmar que, a despeito de todas as manobras para criar um texto “impessoal”, não existe discurso sem sujeito e, por mais que tente se esconder sob uma aparente objetividade, o sujeito-locutor acaba dando evidências de sua presença na própria forma como insere vozes alheias em seu discurso. Assim, destacar-se-ão as principais vozes presentes no texto e alguns movimentos dialógicos (RODRIGUES, 2005, p. 152-183) empreendidos por *L* quando agrega essas vozes a sua fala.

O tema principal do texto é a quebra da hierarquia por parte dos controladores de vôo com relação aos oficiais da Aeronáutica. Nesse contexto, podem-se identificar quatro vozes que se destacam, a saber: a voz dos controladores de voo, a voz da Aeronáutica, a voz do Governo e uma voz contrária ao Governo - a da oposição.

Fica claro durante todo o texto que, ao inserir a voz dos controladores de voo em seu discurso, o locutor produz um movimento de distanciamento com relação a essa voz. Um exemplo desse afastamento está no primeiro discurso relatado presente no texto. A voz relatada não é introduzida de modo neutro, mas é desqualificada por parte de *L*. Observando o enunciado como um todo: “Controladores de voo em Brasília, de onde é monitorada a maior parte do tráfego aéreo do país, fizeram uma operação tartaruga, *alegando falhas nos equipamentos*”, nota-se que ao escolher o verbo *alegar* para inserir a justificativa dos controladores para a operação tartaruga, *L* põe em dúvida a veracidade dos argumentos desses controladores, já que o verbo *alegar* apresenta como uma de suas possíveis interpretações “dar como pretexto”, apresentar uma razão aparente como desculpa para determinada atitude.

Outro movimento dialógico de distanciamento pode ser percebido quando *L* convoca, para compor seu discurso, a voz do governo. O locutor relata alguns equívocos cometidos por determinados ministros que acirraram a disputa entre oficiais e controladores, como se pode observar no seguinte fragmento do texto:

Mesmo assim, os rebelados em Brasília foram brindados com a visita do ministro Paulo Bernardo, do Planejamento, que não apenas disse que seriam atendidas suas reivindicações – basicamente desmilitarização do setor e aumento salarial –, como chegou a desautorizar a Aeronáutica a puni-los pela insubordinação.

É possível notar, nesse enunciado, que a voz do governo é apresentada como uma voz que, empenhada em proporcionar o bem comum, precipita-se e abre concessões para dar fim à desordem provocada pelos controladores. Isso fica bastante claro desde o início do enunciado, quando é empregada a expressão *mesmo assim*, até a apresentação das promessas do governo, em que certa indignação pode ser sentida na própria escolha de palavras, e os fatos parecem ser apresentados como absurdos.

De modo contrário, ao introduzir a voz da Aeronáutica em seu discurso, *L* produz um movimento dialógico de assimilação, como se pode observar no seguinte enunciado: “Não dá mais para negociar”.

Quando se diz que esse enunciado negativo apresenta um movimento dialógico de assimilação da voz dos oficiais da Aeronáutica, refere-se ao fato de que por meio dele é possível entender que esses oficiais tentaram negociar anteriormente e não foram atendidos. Desse modo, essa voz é apresentada como sensata e correta.

Chama atenção o evidente caráter opinativo e argumentativo da parte final do texto. É possível perceber aí um outro tipo de movimento dialógico, destacado por Rodrigues (2005): *o movimento dialógico de interpelação*. Um único ponto de vista é apresentado como o posicionamento que todos os interlocutores devem aceitar:

*Um mínimo de respeito e hierarquia é necessário em qualquer ambiente de trabalho, mais ainda se for um ambiente militar. Seria útil se o governo percebesse de uma vez por todas que abrir mão da disciplina entre militares<sup>1</sup> é um precedente perigoso sob qualquer ponto de vista.*

Pode-se sentir aí a imposição de uma voz firmada em um discurso positivista que prega a ordem, a subordinação. Essa voz demonstra certa indignação e é contrária à voz do

---

1

governo, já que esse, ao propor um acordo com os controladores – portadores de um discurso anti-positivista –, mostrou que seu compromisso com a ordem é duvidoso.

A ideologia positivista que reveste o discurso de *L* torna-se evidente nessa parte final do texto. Ao defender a disciplina a partir de construções impositivas como “é necessário” e “é um precedente perigoso”, *L* assume, claramente, sua posição e a coloca como a única aceitável, ou seja, sua perspectiva é apresentada como universal. Essa atitude do locutor, porém, trai um dos princípios mais importantes do gênero reportagem: a tão comentada imparcialidade.

#### **4 Considerações finais**

Mediante a análise feita com o auxílio teórico de Bakhtin e Ducrot, pôde-se constatar que o “outro” é, de fato, constitutivo do “eu”. Além disso, observou-se que, ao dar voz a enunciadores distintos, o locutor acaba deixando marcas de sua subjetividade no discurso, e mesmo em um texto que deveria ser meramente informativo, isento de qualquer caráter opinativo, como é o caso da reportagem, podem-se perceber manobras argumentativas pela observação desse jogo de vozes constitutivo de todo e qualquer discurso.

#### **Referências**

- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999 [1929].
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005 [1929].
- BARBISAN, L. B.; TEIXEIRA, M. Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. In: \_\_\_\_\_. **Organon**: Revista do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre, v. 16, n. 32/33, p. 161-180, 2002.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987 [1984].



RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

## Anexo

### Somos vítimas da baderna

Otávio Cabral  
Veja edição 2014  
27/6/2007

O caos volta aos aeroportos e, desta vez, com inquietantes ações de quebra na hierarquia militar



Caos em aeroporto e o líder Carlos Trifilio, que será preso: o primeiro de uma série. Desde o desastre aéreo que matou 154 pessoas em setembro do ano passado, o caos nos aeroportos virou uma crise crônica. De lá para cá, cenas de filas intermináveis de passageiros

à espera de vôos cancelados ou em atraso já se repetiram uma dezena de vezes. Na semana passada, a baderna voltou a dar o ar de sua graça. Controladores de vôo em Brasília, de onde é monitorada a maior parte do tráfego aéreo do país, fizeram uma operação tartaruga, alegando falhas nos equipamentos. Causaram atrasos de até 24 horas, cancelamento de quase 20% dos vôos em alguns períodos e até o fechamento temporário dos aeroportos no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. A diferença, agora, é que o apagão aéreo se misturou com a quebra cada vez mais ostensiva da hierarquia militar. Em meio à balbúrdia dos controladores, a Aeronáutica anunciou a prisão de um líder do movimento, o sargento Carlos Trifilio, provocando acirramento do confronto entre controladores e oficiais. "Há um clima de guerra entre eles. Não existe mais respeito, não há mais comando", diz o deputado Vic Pires Franco, membro da CPI do Apagão Aéreo, que visitou as instalações do Cindacta 1, onde trabalham os controladores de Brasília.

A Aeronáutica afirma que Carlos Trifilio será preso por dois motivos. Primeiro porque usou, durante oito minutos, uma linha telefônica interna exclusiva do controle de tráfego aéreo para fazer mobilização sindical, o que é proibido pelo Código Militar. O outro motivo é uma entrevista que o sargento deu, sem autorização superior, a uma revista mensal, Universo Masculino, na qual promete fazer novas paralisações, afirma ser espionado pelos militares e critica a formação e o nível profissional dos controladores. "As pessoas são atraídas pela estabilidade no emprego militar. Entra qualquer um. Eu tenho controlador gago, tenho controlador surdo." Contra o sargento tramita ainda um processo na Justiça Militar no qual é acusado de favorecer pousos e decolagens de uma companhia aérea. Em troca, **ele teria recebido** passagens para uso pessoal e o de seus familiares. Seu advogado, Tadeu Corrêa, disse que vai recorrer da prisão sob a alegação de que seu cliente não teve direito a defesa. Entre os militares, o recurso judicial para reverter decisão superior é considerado um ato de insubordinação.

A deterioração das relações entre subordinados e superiores na Aeronáutica é resultado de equívocos do próprio governo. Em outubro de 2006, quando os controladores fizeram suas primeiras manifestações, os ministros Waldir Pires, da Defesa, e Luiz Marinho, do Trabalho, negociaram diretamente com os líderes do movimento. A cúpula da Aeronáutica não gostou de ver insubordinados recebendo a atenção de ministros. Em março passado, a situação piorou. Controladores pararam o país e se amotinaram. Mesmo assim, os rebelados em Brasília foram brindados com a visita do ministro Paulo Bernardo, do Planejamento, que não

apenas disse que seriam atendidas suas reivindicações – basicamente, desmilitarização do setor e aumento salarial – como chegou a desautorizar a Aeronáutica a puni-los pela insubordinação. Os comandantes das três forças se uniram e emparedaram o presidente Lula, fazendo-o voltar atrás nas promessas, sob pena de criar uma crise militar mais grave. Com isso, a cúpula da Aeronáutica recuperou seu poder, mas saiu desmoralizada diante dos controladores. Hoje, no Cindacta 1, por exemplo, os controladores nem se dão ao trabalho de bater continência para os superiores.

O que se vê nos aeroportos é consequência do acirramento e da insubordinação, deixando evidente que os controladores estão usando seu poder para sabotar o tráfego aéreo e, quem sabe, obter as vantagens que desejam. A prisão de Carlos Trifilio é um sinal de que os militares estão dispostos a endurecer. "Essa prisão foi a primeira de uma série. Cansamos de diálogo. Não dá mais para negociar", afirma um oficial da Aeronáutica. De fato, na manhã de sexta-feira, outro controlador teve sua prisão decretada por insubordinação. Moisés Gomes de Almeida vai passar dez dias preso por ter dado entrevista à rádio CBN sem autorização superior. A Aeronáutica planeja ainda afastar do trabalho todos os controladores que vierem a se insubordinar. Catorze deles já foram afastados.

Na mesma manhã, o presidente Lula fez uma reunião com o ministro Waldir Pires, da Defesa, e o comandante da Aeronáutica, o brigadeiro Juniti Saito. Foi um encontro tenso. Pires voltou a defender a desmilitarização do setor. Saito irritou-se com a proposta do ministro, disse que não permitiria novas quebras da hierarquia militar e ameaçou entregar o cargo caso Lula autorizasse negociações entre um ministro civil e os controladores militares. Ao final, Lula arbitrou a disputa em favor do comandante da Aeronáutica, dando carta branca para que a cúpula militar jogue duro com os insubordinados. Um mínimo de respeito e hierarquia é necessário em qualquer ambiente de trabalho, mais ainda se for um ambiente militar. Seria útil se o governo percebesse de uma vez por todas que abrir mão da disciplina entre militares é um precedente perigoso sob qualquer ponto de vista. Não apenas para o funcionamento dos aeroportos.